



MILTON SANTOS: A FACE NEGRA DO PESQUISADOR ENGAJADO.

Antônio Carlos Malachias¹

RESUMO

Este artigo tem as seguintes finalidades: evidenciar a relação e envolvimento de Milton Santos com o ativismo negro; propor uma periodização para a terceira fase da vida e obra desse intelectual; problematizar de maneira preliminar e ensaísticamente algumas das ideias utilizadas por Santos, em artigos, entrevistas e palestras nas quais preconceito, discriminação e racismo, assim como a questão negra e o ser negro no Brasil de hoje foram temas; localizar no interior do quadro conceitual e de referências de Santos, a origem de algumas das ideias desenvolvidas em suas reflexões sobre esses temas. Nossa expectativa, é que a questão negra ganhe destaque entre os temas sobre os quais Milton Santos elaborou pensamento em sua trajetória como intelectual. Visto que para este autor a questão negra é uma questão da nação. E não uma especificidade de grupo social.

Palavras-chave: Milton Santos, relações raciais, formação socioespacial, periodização.

ABSTRACT

This article has the following purposes: to highlight Milton Santos' relationship and involvement with black activism; propose a periodization for the third phase of this intellectual's life and work; problematize in a preliminary and essayistic way some of the ideas used by Santos, in articles, interviews and lectures in which prejudice, discrimination and racism, as well as the black issue and being black in Brazil today were themes; locate, within Santos' conceptual framework and references, the origin of some of the ideas developed in his reflections on these themes. Our expectation is that the black issue will gain prominence among the themes on which Milton Santos thought in his career as an intellectual. Since for this author the black issue is a national issue. And not a specificity of social group.

Keywords: Milton Santos, racial relations, socio-spatial formation, periodization.

¹ Doutorando do Programa de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, billymalach@usp.br



INTRODUÇÃO

A obra de Milton Santos fundamenta muitos trabalhos sobre urbanização, regionalização, território, globalização, teoria, método entre outros temas, conceitos e abordagens. É tanto fundamento para estudos e pesquisas, como em alguns casos, o próprio objeto pesquisado. Isso, faz com que seja referência para estudos e pesquisas em Geografia.

Com menor volume, a “questão negra”² no Brasil, foi outro tema cotejado pelo eminente geógrafo. Entretanto, esse tema, até o momento, suscita menor interesse entre as pessoas estudiosas do pensamento e sistema de ideias miltoniano. Particularmente, nosso interesse pela temática das relações raciais, levou-nos a leitura do autor, com o firme propósito de encontrar percursos metodológicos que nos permitam analisar as complexas relações raciais no Brasil, em perspectiva geográfica.

Nessa jornada, deparamo-nos com alguns artigos, entrevistas e depoimentos em que Santos, aborda o tema. Também, listamos algumas participações de Santos, em eventos organizados pelo ativismo negro e outros, em que racismo, preconceito e discriminação racial foram temas organizados ou não pelo ativismo negro.

A partir desses procedimentos, sistematizamos leituras de algumas das suas e seus intérpretes, com o propósito de verificar se o tema da “questão negra”, a partir do seu pensamento aparece abordado. E, se seria possível estabelecer interlocução entre as ideias de Santos, a das suas e seus intérpretes, com as ideias sobre geografia e relações raciais, que por ora estamos formulando.

A revisão bibliográfica realizada entre os estudiosos do pensamento de Santos, com maior eminência no campo da Geografia, aponta que a temática do racismo, preconceito e discriminação racial desperta pouco interesse a esse grupo de geógrafos, uma vez, que se dedicam a outros temas que perpassam a vasta obra e de igual relevância para pensar o Brasil e o mundo.

Do processo de pesquisa surgiu uma inquietação vinda da percepção de que as críticas feitas por Santos à algumas das estratégias, ações e reivindicações adotadas pelo ativismo

² Questão negra, é a maneira que Milton Santos se refere ao que estudamos como relações raciais. Estudos sobre sociedades em que ideias e atitudes racializadas estruturam o convívio social entre pessoas de diferentes grupos humanos e classes sociais tanto em relações intra e interclassistas. Tais relações, implicam em estratificações e desigualdades capitalistas, de ordem material e simbólica.



negro serem mais conhecidas e difundidas entre as pessoas estudiosas do seu pensamento do que a relação de Milton Santos com essa questão e com as mobilizações em volta dela.

Em outras palavras, as críticas ao movimento negro repercutem mais junto a essas pessoas estudiosas do pensamento do que às manifestações públicas feitas por Milton Santos, denunciando a condição de subcidadania das pessoas negras; apoiando as cotas raciais nas universidades públicas. E, mais também, do que as várias participações, colaborações e interlocuções de Santos, com o ativismo, intelectuais e lideranças negras. Presença, praticamente desconhecida de boa parte das pessoas estudiosas da sua vida e obra.

De maneira reservada, Milton Santos, era descrito por alguns e algumas dos seus pares acadêmicos como alguém distante do tema e das questões mobilizadoras da agenda dos movimentos sociais negros. Entretanto, vale ressaltar que em nome de certa independência intelectual, Santos, era distante de toda forma de militância³. E, não exclusivamente, a aquela praticada pelo ativismo negro.

Para se contrapor a essa narrativa, defendemos neste artigo, a tese de que existe uma face na obra, circunscrita na terceira fase biográfica e de produção teórica de Milton Santos, em que o tema das relações raciais emerge de maneira mais recorrente. Denominamos essa face como sendo – *a face negra do pesquisador engajado*.

Face da obra em que Milton Santos, aborda a questão negra como tema da nação, caracterizado por relações ambivalentes e ambíguas, no que diz respeito, a maneira como essa questão acontece no interior da nação. E como é tratada pela intelectualidade acadêmica, em âmbito governamental, pelo ativismo negro e pelo senso comum.

Vale ressaltar que a própria expressão *face negra* detém sentido ambivalente e ambíguo. Podendo referir-se aos traços fenotípicos de Santos, um homem negro de pele preta, mas também, pode sugerir a alguns uma faceta ruim da obra. Uma vez que a palavra negra empregada para adjetivar um aspecto da obra transita entre ser apenas um título, uma descrição fenotípica de Milton Santos, uma expressão pejorativa e preconceituosa sobre sua obra, ou ainda, uma afirmação ‘identitária’ provocativa.

³ Ver Conferência de abertura do 1º Encontro Regional de Estudantes de Geografia do Sudeste, ocorrido na Universidade Federal de Juiz de Fora, MG em maio de 1996. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/geografia-alem-do-professor-milton-santos/>>. Acesso em 27/03/2023. Também, a entrevista. Não sou militante de coisa nenhuma, exceto das ideias. Revista Adusp, n. 17, junho de 1999.

Seja como for a ambivalência que a expressão sugere, ela só é provocativa, numa sociedade em que o simples emprego das palavras, branca e negra, são carregadas de valor e de expectativas preconcebidas.

Independente da impressão que as pessoas leitoras deste artigo tenham sobre a denominação utilizada para esta face da vida e obra, é certo, que Milton Santos era plenamente consciente do seu pertencimento racial. Bem como, da maneira racializada como ele era visto pelas pessoas e instituições. Fossem essas pessoas próximas ou distantes, intelectuais ou militantes, amigas ou desconhecidas.

O meu caso é como o de todos os negros deste país, exceto quando apontado como exceção. E ser apontado como exceção, além de ser constrangedor para aquele que o é, constitui algo de momentâneo, impermanente, resultado de uma integração casual. (SANTOS, 1996/7. p.135)

Nota-se, pela citação que o sucesso da trajetória intelectual de Milton Santos, quase que invariavelmente o colocou como exceção diante da sociedade. Diversas vezes, seus pares mais próximos associaram esse sucesso ao fato de desde a infância a família de Santos educá-lo para mandar.⁴ De maneira dedutiva parece-nos que essa forma acrítica de o descrever reforça a ideia de que Milton era uma exceção entre as demais pessoas negras, pois, sugere que essas outras foram educadas pelas suas respectivas famílias para serem obedientemente e servis.

Santos, enquanto a exceção preta numa academia branca era a presença desviante do padrão convencionado e hegemônico, razão pela qual era também visto como exceção pela comunidade negra. Fato era, que em qualquer circunstância, a cor da sua pele o fazia ser visto como exceção.

Todavia, mesmo arguindo em favor da tese que reconhece em Santos, alguém consciente do seu pertencimento racial. Bem como, da maneira que esse pertencimento racial agia sobre a sua relação com a sociedade, não vislumbramos em Santos, um ativista. Tampouco, alguém, especialista das relações raciais, ou dos estudos sobre o ativismo negro. Apenas, estamos demarcando a temática racial como uma possibilidade teórica para uma periodização analítica do autor. Visto, que as participações em eventos, os artigos escritos,

⁴ Narrativa também feita por Santos.



palestras ministradas, entrevistas concedidas e reflexões elaboradas por Santos, são evidências da presença do tema na vida e obra.

Outrossim, consideramos, que as contribuições mais valiosas de Santos, sobre o tema das relações raciais são principalmente de cunho metodológico. Pois, nota-se, em relação aos artigos escritos sobre a “a questão negra”, o esforço empreendido por Santos, para formular essa questão como um fenômeno socioespacial, constitutivo da formação econômica social brasileira.

Santos (1996/7), segundo sua própria visão busca distanciar-se das abordagens, antropológica e sociológica⁵, com vistas, a compreender a “questão negra” através de uma abordagem metodologicamente geográfica. “Tudo tem que ser visto através de como o país se formou e de como o país é e de como o país pode vir ser”. [...] “a análise das situações do preconceito [...] supõe um estudo da formação sócio-econômica brasileira”. Conclui, que a formação socioespacial brasileira, é central para o entendimento da questão negra.

Fundamentos para a periodização da face negra

Elias (2003), aponta que Milton Santos, “Produziu uma obra numerosa e complexa, uma verdadeira teoria geográfica do espaço, que apresenta diferentes fases e faces e reclama ainda muita reflexão.” Esse convite a reflexão sobre as fases e faces nos motivou pensar sobre a face negra do pesquisador engajado. Elias, ao falar sobre a obra declinou a palavra *face* no plural. Logo, uma obra com muitas faces “reclama” múltiplas interpretações, desvelar analiticamente a face negra da obra é apenas uma das múltiplas interpretações possíveis.

A obra de Milton Santos, geralmente, aparece dividida em três fases⁶. Existindo certo consenso entre os estudiosos e intérpretes da vida e obra acerca dessa divisão. A existência desses consensos favoreceu nossa opção em eleger a classificação elaborada pelo site oficial como aquela com a qual estabeleceríamos diálogo mais direto. Também, pelo fato de um dos

⁵ Porém, a ideia de ambivalência que estrutura um dos seus artigos é emprestada do sociólogo e amigo de Santos, Otavio Ianni.

⁶ SANTOS, Marie-Hélène Tiercelin. Biografia Milton Santos (1926-2001). Por Marie-Hélène Tiercelin dos Santos com títulos de Jacques Levy, classificam a obra e biografia em três fases: a do “pesquisador implicado com a realidade social” (1948 a 1964); “pesquisador viajante” (1964 a 1977); e conforme apontado, a do “pesquisador engajado” (1977 a 2001). Disponível em: <http://miltonsantos.com.br/site/biografia/>. Acesso em: 28 fev.2023.



objetivos almejados pelo site⁷ ser o de “reunir informações e materiais que possam ser úteis a todos aqueles que se interessem [grifo nosso] pela obra de Milton Santos”. E ainda, pelo fato da terceira fase da vida e obra ser intitulada como aquela que se caracteriza pela pesquisa engajada.

Título, que está em consonância com a tese que ora defendemos que reivindica que a temática das relações raciais seja listada entre os temas e preocupações de Santos que justificam o prosônimo de pesquisador engajado. Que lhe foi atribuído em decorrência do engajamento nas causas, acadêmica da Geografia e cívico-políticas⁸ da nação. Causas, que desde o retorno de Santos ao Brasil conferiram contornos a sua práxis cívica e intelectual.

Entendemos, que os artigos e entrevistas em que temas como preconceito, racismo, discriminação foram objetos de reflexão. Assim como, a participação de Santos, em eventos, organizados pelos movimentos sociais negros, alguns dos quais registrados na linha do tempo que agora apresentamos colaboram para reforçar a pertinência do prosônimo. Justificando assim, a periodização da temática racial como uma das faces existentes no conjunto da obra.

Ressaltamos, que civilidade e cidadania são dimensões analíticas do pensamento miltoniano. E, características, frequentemente descritas como intrínsecas a práxis miltoniana. Práxis, que segundo o próprio autor é marcada pela consciência da sua cidadania, individualidade e corporeidade. Que são três dimensões analíticas da reflexão miltoniana sobre “o ser negro no Brasil hoje” (2002a), bem como, sobre as “cidadanias mutiladas” (1996/7).

Nesse sentido, “cidadania, individualidade e corporeidade” (idem), são conceitos utilizados por Santos para categorizar as dimensões constitutivas da sua existência cívica, intelectual e como pessoa negra.

As condições, cidadã (cívico-normativa), intelectual (consciência-individual), pessoal (consciência-corpórea) são prerrogativas de uma existência atravessadas pela cor preta da sua pele. Fato, que Santos expressa, em vários momentos, nos artigos e entrevistas na fase da pesquisa engajada. [...] “o próprio fato de ser negro e a exclusão correspondente acabam por me conduzir a uma condição de permanente vigilância”.

⁷ <http://www.miltonsantos.com.br>.

⁸ A lendária participação no ENG de 1978. E a pesquisa financiada pelo CNPQ que resultou no livro, O Espaço do Cidadão de 1987, são entre outros, dois bons exemplos de engajamento.



Para melhor compreensão da condição de vigilância apontada por Santos, recorreremos a leitura do celebre livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” de Frantz Fanon. Leitura, considerada fundamental para quem estuda relações raciais. Nessa obra, Fanon, discorre sobre o conjunto de máscaras sociais⁹ impostas pela sociedade branca às pessoas negras. A revelia dos desejos, vontades, consentimento, negociações, direitos, consciência e individualidade destas últimas. Nesse sentido, a “máscara branca” e a face negra, são metáforas, empregadas nesta análise com o propósito de promover reflexões objetivas sobre a complexidade subjetiva das relações raciais.

Conforme apontado, a expressão – face negra, utilizada para demarcar um aspecto da obra surgiu inspirada na leitura de Elias¹⁰. Porém, era uma ideia ainda sem título, que nos inquietava desde a leitura de Smith (2000), que debruçando-se sobre ambiguidades e sobre o uso das metáforas para análises e explicações em Geografia, discorre que, “as metáforas funcionam de maneiras diversas”, porém, quase que invariavelmente envolvem “a afirmação de uma alteridade em que a diferença se expressa pela semelhança” (p. 141). Smith, ilustra este argumento recorrendo a imagem de Jano¹¹, metáfora, em que a dupla *face* do mesmo rosto (entendido como estrutura), explicita que “um objeto, evento ou situação compreendido de modo incompleto é outro, numa situação em que o outro é supostamente conhecido”.

A face negra, como periodização, circunscrita a fase da pesquisa engajada, se apresenta para nós, como a face de Jano, se apresenta para Smith. Está lá, (escrita na obra) porém, se mantém ainda oculta. Portanto, mais que provocação entendemos que a ambiguidade e ambivalência contidas na expressão, face negra, informa sobre uma zona de fronteira na transição entre dois pontos, um caminho entre as extremidades, objetivas da desigualdade racial e subjetivas do preconceito racial no Brasil. O Jano de Smith e, a máscara branca em pele negra de Fanon.

⁹ Pele negra, máscaras brancas problematiza com radicalidade a produção do outro, (...). O trauma psíquico colonial esmiuçado por Fanon não deixa dúvidas: o sujeito negro precisa de muitas máscaras brancas para existir, somente mascarado pode conjugar os verbos na primeira pessoa do singular. (NOGUEIRA, 2020). <https://www.quatrocinco.com.br/br/resenhas/politica/exorcismo-revolucionario>.

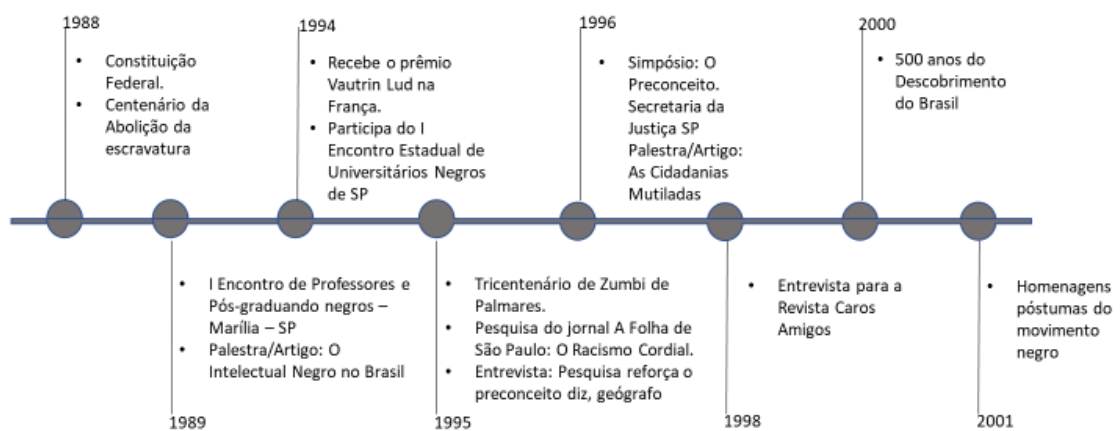
¹⁰ No texto de Elias, a palavra face explicita multiplicidade de abordagens possíveis inserida dentro de cada uma das fases da vasta obra de Milton Santos.

¹¹ Mito romano representado as duas faces de uma mesma pessoa Jano (do latim Janus ou Ianus) simbolizando o fim e o início das coisas, o passado e o futuro, a paz e a guerra, o dualismo relativo a todas as coisas.



A face negra do pesquisador engajado: um esforço de periodização.

Linha de eventos da face negra na trajetória intelectual e biográfica da fase pesquisador engajado de Milton Santos



Para Santos (2002), toda representação gráfica é uma etapa do método, colocada em prática, para "mapear os tempos de uma realidade em movimento, através do artifício de "congelar" os eventos em padrões gráficos", de modo a permitir que os eventos sejam analisados "segundo seus respectivos conteúdos".

A representação gráfica e cronológica de fatos, eventos conjunturais, artigos e palestras circunscritos a face negra, colaboram para que sejam feitas relações de correspondência entre fatos, escolhas pessoais, participações públicas e eventos de conjuntura, com os seus escritos e discursos públicos. De modo, a evidenciar que fatos pessoais, como o prêmio Vautrin Lud, por exemplo, sem relação direta com a "questão negra", seja passível de ser também observado por esse prisma.

Captada pela linha do tempo o movimento das ideias de Santos reflete em certa medida a sucessão de eventos e fatos que permitem delimitar uma face (período) na terceira fase da vida e obra. Demonstrando de maneira explícita que a partir de 1988, a "questão negra", de maneira mais recorrente e sistemática passa a fazer parte da vida e da obra de

Milton Santos, como tema de interesse e como questão pessoal, presente em seu cotidiano, independentemente da própria vontade do intelectual.

Algumas vezes, sendo ele o sujeito da ação, escrevendo artigos e palestrando momentos em que apresentava sua opinião sobre a questão. Outras, como observador, atento às mobilizações e debates ocorridos ao seu redor. Noutras, semelhante a qualquer pessoa negra, como mero objeto das relações raciais.

Voltando ao Vautrin Lud, para melhor explicar por que faz parte da nossa linha do tempo, ressaltamos que ainda hoje negros brasileiros em situações de prestígio e reconhecimento internacional no meio acadêmico causam surpresa à sociedade. A notoriedade da premiação e a repercussão junto a alguns veículos de comunicação trouxeram visibilidade nacional para Milton Santos.

Visibilidade, acompanhada de espanto pelo fato do premiado ser pessoa negra e quase anônima em seu próprio país. Vale ressaltar que ainda hoje negros brasileiros em situações de prestígio e reconhecimento internacional em seu meio profissional, acadêmico e intelectual ainda causam espanto.

Embora fosse conhecido no âmbito da geografia, Milton Santos, era pouco conhecido fora desse ambiente intelectual. Fosse pelos meios de comunicação que alardearam a premiação, ou mesmo pela comunidade negra brasileira, ávida de representações positivas. É, somente com a premiação internacional que Santos, torna-se uma pessoa mais conhecida e recorrentemente comentada entre a comunidade negra que passa a buscar de maneira mais recorrente leituras sobre a biografia e escritos do professor Milton Santos.

Após a premiação internacional, se intensificam os convites para participar de eventos organizados pelo movimento negro. Alguns, para refletir e debater seu pensamento sobre temas diversos. Outros, para debater a questão racial e ser reverenciado afirmativamente como intelectual. Sobretudo, como um intelectual negro.

Aqui, temos a impressão de estarmos diante de uma contradição da luta antirracista empreendida pelo ativismo negro no Brasil, que busca desracializar a sociedade adotando a racialização afirmativa do sujeito Milton Santos, adjetivando a existência intelectual desse autor com a expressão, negro. Fazendo da condição fenotípica de Santos, uma condição predicativa da sua existência intelectual. Tratamento esse, que não passava despercebido a Santos. “Não importa a festa que me façam aqui ou ali, o cotidiano me indica que não sou



cidadão neste país. (...) E aí aparece em resumo, o meu corpo, (...). Eu sou visto, no meio, pelo meu corpo.” (1996/7 p. 134 – 135)

Santos, era visto como pessoa negra por brancos e negros. Porém, de maneira distinta. Para a academia branca, ‘ignorá-lo’ como pessoa negra era a maneira ideal de supô-lo um ‘igual’ no interior da academia majoritariamente branca, mesmo sabendo-o diferente e o único no departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

Já, para a comunidade negra, a maneira de tratá-lo como ‘igual’ passava por reconhecê-lo afirmativamente diferente, portanto, como pessoa negra, numa sociedade branca e desigual. No entendimento dos negros, ao ignorá-lo em sua condição de pessoa negra, a academia reforça o paradigma da exceção. Em outras palavras, reafirma a ideia de que as oportunidades na sociedade e em suas instituições são iguais. E que o “sucesso” depende quase que exclusivamente do esforço de cada um.

Técnica, espaço e tempo

Para Santos, a periodização é etapa basilar dos estudos geográficos, sobretudo, para geógrafos que concebem o espaço geográfico como um conjunto indissociável de ações e objetos. Segundo Santos (2002), as ações da sociedade sobre o espaço geográfico são apreendidas analiticamente pelos geógrafos pela datação dos objetos. Estes, podem ser técnicos, culturais e sociais. Cada objeto impõe autorizações e restrições, possibilidades ou impossibilidades ao cotidiano das pessoas. Seja de forma isolada ou em arranjo, os objetos, abarcam certas relações que possibilitam a apreensão temporal do fenômeno pesquisado.

Com essa compreensão, elegemos a Constituição Federal de 1988, como marco inicial da periodização que estamos propondo. A Constituição Federal, é um instrumento técnico de ordenamento jurídico-normativo da nação no uso presente e futuro do seu território¹². Em termos de luta antirracista se constitui em divisor de águas por legislar sobre o racismo, tornando-o crime inafiançável. Bem como, oferecendo a base legal que embasa as reivindicações por políticas públicas, ações afirmativas de caráter cultural, social, educacional, territorial entre outras reivindicadas por movimentos sociais diversos e distintos que foram praticamente silenciados pela ditadura militar desde o golpe de 1964.

¹² Em a Natureza do Espaço (2002), Santos aponta como as leis e normas conformam a ordem organizacional dos lugares.

Regime político autocrático, que exilou Milton Santos do Brasil, justamente no momento histórico, década de 1970, em que a denúncia do racismo praticado no Brasil alcançou grande visibilidade, principalmente, pelas críticas do ativismo dirigidas a pseudodemocracia racial brasileira. Denúncia, que se expressou nas ruas através de expressões artísticas literárias, cinematográficas, plásticas. Em panfletos, botons e na forma de elaborações teóricas interpretativas do Brasil, realizadas por intelectuais e ativistas negros e negros.

Se de um lado o exílio de Santos, ao longo de toda duração (1964 a 1978) possibilitou amadurecimento intelectual e a internacionalização do seu pensamento e ideias. De outro, Santos, foi retirado da cena racial brasileira. Talvez, seja esse um dos fatos que explique seu pouco contato com lideranças e ativistas negros desse período. Bem como, explique, porque a temática racial na perspectiva das relações raciais¹³ focado na população negra, ocorra de maneira mais regular em sua obra na fase do pesquisador engajado do que nas duas fases anteriores de sua vida e obra.

Também, pode ser explicativa do olhar “enviesado” (1999), porém, não desengajado de Milton Santos, para as tímidas e pacatas reivindicações feitas pelo ativismo negro. Sendo esse comportamento tímido do ativismo a origem das suas principais críticas públicas a esse mesmo ativismo negro, que segundo o autor “ainda sorriem”, mas que um dia irão começar a “ranger os dentes (...) esses atos de violência nos Estados Unidos vão ter o correspondente no Brasil em atos de revolta”. (Santos, 1998 p. s/n)

Independente do entendimento que se tenha sobre as críticas feitas por Milton Santos, ao ativismo negro, o fato é que a Constituição Federal como elemento técnico, para periodização da face negra, cumpre no interior do quadro teórico de Santos, o papel de um sistema técnico (neste caso, um sistema técnico, jurídico-normativo) que possibilita a este estudo geográfico realizar a apreensão e localização histórica dos fatos, eventos e artigos arrolados na periodização da face negra, no tempo e espaço.

¹³ Existem estudos em curso sobre o pensamento miltoniano que vislumbram, já na obra Marianne em Preto e Branco (1960), atenção de Santos, com a questão negra. Não discordamos dessa visão. Porém, enfatizamos que na perspectiva das relações raciais, ou seja, em relações entre grupos humanos mediada pela ideia hierarquizada de raça, na qual o racismo aparece problematizado como questão inerente a formação socioespacial brasileira, só vislumbramos esse enfoque no período que delimitamos como o da face negra.

Bem como, localizar no interior do quadro teórico-conceitual de Santos, um percurso metodológico para construção de uma teoria própria que respalde a nossa tese delimitadora e explicativa da face negra do pesquisador engajado. Pelo artifício de “congelar os eventos”, sem, contudo, perder de vista o movimento dinâmico que combina diacronia (sucessão) e sincronia (coexistência) (2002: 159-160) dos fatos, eventos e escritos.

Conforme já descrito, entre os anos de 1988 e 2001, período delimitado como o da face negra, Santos participou de vários eventos organizados pelos movimentos sociais negros. Reuniu-se com ativistas, proferiu palestras, ministrou aulas no Núcleo de Consciência Negra na USP (NCN)¹⁴, escreveu artigos, nos quais apresentou algumas das ideias através das quais pensava o Brasil e o mundo. Outras, sobre como vislumbrava o crônico e estrutural problema racial brasileiro.

Os eventos oficiais do estado brasileiro, alusivos ao *centenário da abolição da escravatura* de 1988; e aos 500 anos do ‘descobrimento’ do Brasil de 2000, são também marcadores espaço-temporais da face negra. Assim como, a “Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida”¹⁵ de 1995. Este de ordem cívica-ativista e, um dos marcos históricos da luta antirracista no Brasil.

Tanto os eventos oficiais de 1988 e 2000, realizados pelo Estado brasileiro, como o cívico-ativista de 1995, foram incorporados a nossa periodização, porque ao seu tempo, cada qual, mobilizou a atenção dos veículos de imprensa e conseqüentemente da sociedade impactando as reflexões de Santos.

A questão da raça e dos racializados, povos indígenas e os da diáspora africana, foram debatidos como problemas histórico e social questionadores do processo de formação do

¹⁴ Núcleo da Consciência Negra na USP, organização negra fundada por servidores negros e estudantes. E, onde funcionava um cursinho pré-vestibular para negros.

¹⁵ A “Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida”, foi uma mobilização cívico-social, que a partir de um diagnóstico ativista reivindicou que o Estado brasileiro implementasse políticas de combate a violência, racismo e desigualdade racial. Se a mobilização de 1978 é considerada como de denúncia. Esta de 1995, com base na Constituição Federal de 1988, que em seu Art.3, inciso XLI indica que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor idade e quaisquer outras formas de discriminação”; e no Art. 5º, inciso XLI, que a “lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais”, inaugura a fase de proposição e participação do ativismo negro no Estado brasileiro.

Brasil contemporâneo. Bem como, questionadores daqueles momentos celebrados e do próprio futuro da nação. Debate, que Milton Santos adentrou através de textos que escreveu para jornais, nos quais abordou criticamente essas celebrações¹⁶ e as relações entre brancos e negros na sociedade brasileira.

Conforme já destacado, é como intelectual público e não como ativista, que Santos, reflete a “questão negra”. Isso, segundo suas próprias convicções, implicava observar a “questão negra” não como especificidade temática de grupo, mas como um tema geral da nação.

Ao periodizarmos uma face negra na obra não estamos atribuindo a Santos, qualquer atuação militante. “Não sou militante de coisa nenhuma” [grifo nosso],¹⁷ “exceto das ideias”. Tampouco, atribuindo-lhe, especialidade acadêmica no campo dos estudos das relações raciais. Apenas, evidenciando fatos, eventos e artigos que colocam a causa negra junto as demais causas e acontecimentos da vida e obra desse intelectual que o fizeram ser reconhecido como um intelectual e pesquisador engajado. Santos, entendia ser as ideias, a sua melhor contribuição para o mundo.

Minha própria biografia pessoal acaba sendo decisiva para o entendimento de minha posição ideológica e política. Quer dizer, o próprio fato de ser negro e a exclusão correspondente acabam por me conduzir a uma condição de permanente vigilância. Não sou militante de coisa nenhuma, possivelmente pela forte influência do estilo francês de ser intelectual, que houve na minha formação, por mais que eu deseje me libertar dessa herança, é tão forte, razão pela qual às vezes eu o faço com certa brutalidade. Essa idéia de intelectual, aprendida com Sartre, de uma independência total, distanciou-me de toda forma de militância, [grifo nosso] exceto a das idéias. A militância político-partidária me assusta, me faz medo, porque ainda que a considere como indispensável, como também são indispensáveis os políticos, não desejo sê-lo, porque quero ser permanentemente sozinho. Embora separados, os militantes conscientes e convictos, constituem um bloco de resistência. (SANTOS, 1999 p. 12)

Ressaltamos, que em nosso entendimento a grande contribuição que Milton Santos oferece ao debate da nação, a “questão negra” e às relações raciais no âmbito da Geografia,

¹⁶ Santos, no ano de 2000, escreveu regularmente na seção, *Brasil 501 d.C.*, do caderno *Mais!*, do jornal Folha de São Paulo. Esse ano registrou as celebrações oficiais dos 500 anos do ‘descobrimento’ do Brasil.

¹⁷ Grifamos para destacar que Milton Santos era crítico a toda forma de militância. Partidário, acadêmico, religioso e qualquer outro que por razões de envolvimento pessoal pudessem enviesar a análise intelectual da realidade e não exclusivamente por aversão ao ativismo negro como alguns interpretam.

ven do seu esforço em buscar definir o objeto de estudo desta disciplina e propor um método de análise para esta ciência.

Neste sentido, buscamos através dos seus escritos e falas sobre a “questão negra” localizar o percurso epistêmico das ideias, empregadas para a abordagem do tema das relações raciais. Abrindo um campo de possibilidade para a compreensão da questão negra e das relações étnico-raciais também como fenômeno espacial e geográfico. Ainda que o sistema de ideias elaborado por Milton Santos não tivesse inicialmente esta finalidade de estudo.

Inferimos que o tema emerge em sua obra em decorrência da trajetória bem-sucedida de intelectual público comprometido com o debate público. Também pela vivência cotidiana como pessoa negra e pela percepção atenta dos problemas estruturais impostos pelo racismo no Brasil.

No campo teórico-metodológico, para Milton Santos, a questão negra faz parte do conjunto de questões originárias e constitutivas da nação e do seu território. E pode ser captada e analisada com método e por metodologias geográficas bem ajustadas. Que abarquem segundo a interpretação que fazemos, ações e quem reivindica ações que envolvam trabalho, renda, emprego, lazer, educação, saúde, segurança, direito, justiça, moradia, desejos e outras. Todas essas, são reivindicações pelo uso e acesso ao espaço geográfico¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A periodização da face negra na obra de Milton Santos evidencia seu engajamento ao tema do antirracismo. Também, que sua elaboração teórica sobre o tema é realizada no interior do quadro teórico-conceitual mais amplo que ele próprio elaborou ao longo da vida. Verifica-se que para Santos, o conceito de formação socioespacial ocupa centralidade analítica para a compreensão e quiçá a superação das preconceituosas, estratificadas e desiguais relações raciais no Brasil. E que sua condição de intelectual e negro, em que pese a sua “individualidade forte” são indissociáveis. Não por vontade própria, mas como uma consequência do racismo, “sou visto pelo meu corpo”. Por fim, a linha do tempo traçada é tanto evidência do envolvimento de Santos, com o debate em torno das relações raciais, como

¹⁸ “o espaço impõe a cada coisa um conjunto de relações [grifo nosso] porque cada coisa ocupa um certo lugar no espaço” (Santos, 1996, p. 137 apud Callois 1964, p. 58). Entre essas relações, incluímos as étnicas e raciais, que a seu modo também fazem parte das relações sociais de produção. Ver também Clovis Moura, “Sociologia do negro brasileiro” (1988 [2019]).



metodologia para a descrição e interpretação das relações raciais, com potencial para possibilitar uma abordagem geográfica desse fenômeno socioespacial.

REFERÊNCIAS

ELIAS, D. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. Geosul Florianópolis, v. 18, n.35, p. 131-148, jan./jun. 2003.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, M. Por Uma Geografia Nova: crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 4a ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____, M. As Cidadanias Mutiladas. In LERNER Júlio. **O Preconceito**. São Paulo: Imesp, 1996/1997.

_____ Entrevista explosiva com Milton Santos. Revista Caros Amigos, agosto de 1998.

_____ Não sou militante de coisa nenhuma, exceto das ideias. Revista Adusp, n. 17, junho de 1999.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, Edusp, 2002.

_____ Ser Negro no Brasil Hoje. In RIBEIRO W. C (Org.). O País Distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002a.

SMITH, N. Contornos de uma política especializada: veículos dos sem-teto produção de escala geográfica. In ARANTES, A. O Espaço da Diferença. Campinas, SP: Papirus, 2000.